



Josette Sheeran: Acabar com a fome já

FILMED JUL 2011 • POSTED JUL 2011

Após muitos anos a trabalhar em comércio e economia, há quatro anos, encontrei-me a trabalhar nas linhas da frente da vulnerabilidade humana. Encontrei-me nos lugares onde as pessoas estão a lutar a cada dia para sobreviver e não conseguem sequer obter uma refeição. Este copo vermelho vem do Ruanda de uma criança chamada Fabian. Eu trago-o comigo como um símbolo do desafio e também da esperança. Isto porque um copo de comida por dia muda a vida do Fabian completamente. Aquilo de que vos quero falar hoje é acerca do facto de que hoje de manhã cerca de 1000 milhões de pessoas na Terra -- ou 1 em cada 7 -- acordaram e não sabiam sequer o que fazer para encher esse copo com comida. Uma pessoa em cada sete.

Primeiro, pergunto o porquê de isto vos interessar. Porquê que nos deveremos interessar? Para a maioria das pessoas, se pensam em fome, não precisam de ir muito longe no passado da sua família -- talvez na sua vida, nas vidas dos seus pais, ou na vida dos seus avós -- para recordarem uma experiência de fome. Raramente encontro uma audiência em que as pessoas tenham essa experiência apenas num passado muito longínquo. Algumas são motivadas pela compaixão, sentem que é porventura um dos traços fundamentais da humanidade. Como disse Gandhi, "Para um homem com fome, um pedaço de pão é a face de Deus." Outros preocupam-se com paz e segurança, com a estabilidade no mundo. Assistimos a violência em 2008 no seguimento daquilo que eu chamo o "tsunami silencioso da fome" a atravessar o globo quando os preços dos alimentos duplicaram subitamente. Os efeitos desestabilizadores da fome através da História são conhecidos. Um dos mais fundamentais aspectos da civilização é assegurar que as pessoas têm acesso a alimento suficiente.

Outros pensam nos cenários de pesadelo Malthusianos. Seremos capazes de alimentar uma população que será de 9000 milhões daqui a apenas algumas décadas? A fome não é negociável. As pessoas têm que comer. A população mundial vai ser imensa. Isto traz emprego e oportunidade de alto a baixo na cadeia de valor. Porém, eu deparei-me com este problema de uma forma diferente. Esta é uma foto minha e dos meus três filhos. Em 1987 eu era uma mãe recente com a minha primeira filha e estava a segurá-la e a amamentá-la quando uma imagem muito parecida com esta passou na televisão. Mais uma vez, fome na Etiópia. Outra fome dois anos antes tinha vitimado mais de um milhão de pessoas. Até então não me tinha atingido como naquele momento, porque naquela imagem estava uma mulher tentando alimentar o seu bebé, mas não tinha leite para amamentá-la. O choro daquele bebé penetrou-me profundamente como mãe. Eu pensei que nada pode assombrar mais do que o choro de uma criança que não pode ser consolado com alimento -- a mais fundamental expectativa de cada ser humano. Foi nesse momento que por dentro senti a indignação e o desafio que provém do facto de que nós sabemos como resolver este problema.

Isto não se trata de uma aquelas doenças raras para as quais não temos solução. Nós sabemos como resolver o problema da fome. Há 100 anos não sabíamos. De facto, nós temos a tecnologia e os sistemas. E fiquei abalada em como tudo isto está fora do lugar. No tempo em que vivemos, estas imagens estão fora do lugar. Ora imaginam o que se está a passar? Isto é da semana passada, no Norte do Quénia. Mais uma vez, a face da fome em larga escala com mais de nove milhões de pessoas sem saber se sobrevivem para o dia



seguinte. De facto, o que sabemos agora é que a cada dez segundos perdemos uma criança devido a fome. Isto é mais do que devido a VIH/SIDA, malária e tuberculose todas juntas. E sabemos que o problema não é apenas a produção de alimento.

Um dos meus mentores para a vida foi Norman Borlaug, o meu herói. Hoje falo-vos de acesso a alimento, porque de facto este ano e no ano passado, e durante a crise alimentar de 2008, havia alimento suficiente no planeta Terra para toda a população consumir 2700 kilocalorias. Então porque é que temos 1000 milhões de pessoas que não encontram alimento? Quero também falar-vos daquilo a que chamo o "fardo do conhecimento". Em 2008 Lancet compilou toda a pesquisa e avançou com a prova de que se nos primeiros 1000 dias de vida de uma criança -- da concepção até ao segundo aniversário -- esta não tiver a nutrição adequada, o dano é irreversível. Os seus cérebros e seus corpos ficarão diminuídos. Aqui podem ver uma imagem do cérebro de duas crianças -- uma que teve nutrição adequada, outra, negligenciada e profundamente malnutrida. Podemos ver o volume do cérebro até 40% inferior nessas crianças. Nesta imagem podem ver os neurónios e ligações sinápticas do cérebro que não se formam. O que sabemos agora é que isto tem um enorme impacto nas economias, do qual falarei adiante. Adicionalmente, o potencial de rendimentos para estas crianças é reduzido em metade ao longo das suas vidas devido ao subdesenvolvimento nos seus primeiros anos de vida.

É este fardo de conhecimento que me motiva. Porque na realidade nós sabemos como resolver o problema de forma simples. No entanto, em muitos lugares, um terço das crianças, quando atingem o terceiro ano de idade já enfrentam uma vida de dificuldades por esta razão. Gostaria de vos falar acerca de algumas das coisas que presenciei nas linhas da frente da fome, algumas das coisas que aprendi ao trazer o meu conhecimento acerca de comércio e economia e a minha experiência no sector privado. Gostaria de vos falar de onde está esta falha no conhecimento.

Em primeiro lugar, falo-vos do método nutricional mais antigo na Terra, amamentação. Talvez vos surpreenda que uma criança poderia ser salva a cada 22 segundos se fosse amamentada nos primeiros seis meses de vida. Mas no Niger, por exemplo, menos de 7% das crianças são amamentadas durante os primeiros 6 meses de vida, exclusivamente. Na Mauritânia, menos de 3%. Isto é algo que pode ser transformado pelo conhecimento. Esta mensagem pode ser difundida, no sentido de que não é uma forma antiquada de proceder; é uma forma brilhante de salvar a vida do seu filho. Por isso hoje nos ocupamos não só a entregar alimento, mas também a assegurar-nos de que as mães têm complementos nutricionais e a ensiná-las acerca da amamentação.

A segunda coisa de que vos quero falar: se vocês viverem numa aldeia isolada algures, a vossa criança estiver diminuída, e se viverem um período de secas ou de inundações, ou se estiverem numa situação em que não há uma diversidade adequada na dieta, o que fazem? Pensam que podem ir à loja e escolher entre várias barras altamente nutritivas, como nós fazemos, e escolher a barra correcta para as nossas faltas? Pois eu encontro pais lá nas linhas da frente muito conscientes de que as suas crianças estão a morrer. Eu vou a essas lojas, quando as há, ou vou até aos campos ver o que se pode comer e vejo que não se consegue obter qualquer alimento. Mesmo quando eles sabem o que precisam de fazer, não há nada disponível.



Agora estou entusiasmada com isto, porque uma coisa em que estamos a trabalhar é na transformação das tecnologias que temos facilmente disponíveis na indústria alimentar para disponibilizar em produtos tradicionais. Este produto é feito de grão, leite em pó e uma variedade de vitaminas, correspondendo exactamente ao que o cérebro necessita. Custa 17 cêntimos para produzir como eu lhe chamo, a comida para a humanidade. Produzimos isto com tecnólogos alimentares na Índia e no Paquistão -- cerca de 3 especialistas. O produto está a transformar 99% das crianças que o consomem. Um pacote, 17 cêntimos por dia -- e a sua malnutrição é ultrapassada. Estou portanto convencida que podemos desbloquear as tecnologias que são comuns no mundo desenvolvido para sermos capazes de transformar alimentos. Isto é à prova do clima. Não precisa de ser refrigerado, não precisa de água, que muitas vezes falta. Este tipo de tecnologias, vejo-as com o potencial para alterar o cenário de fome, nutrição e malnutrição lá nas linhas da frente.

O assunto de que vos quero falar de seguida é alimentação escolar. 80% das pessoas no mundo inteiro não têm uma "rede de segurança" para a sua comida. Quando o desastre acontece -- a economia decai, as pessoas perdem emprego, inundações, guerra, conflito, desgoverno, todas estas coisas -- não há nada que sirva de recurso. Habitualmente as instituições -- igrejas, templos, e outras -- não têm os recursos para providenciar essa rede de segurança. O que descobri ao trabalhar com o Banco Mundial é que a rede de segurança para os mais pobres, o melhor investimento, é alimentação escolar. Se enchermos o copo com agricultura local de pequenas explorações temos um efeito transformador. Muitas crianças não podem ir à escola porque têm que mendigar e encontrar uma refeição. Porém quando a comida está lá, é algo que transforma. Custa menos de 25 cêntimos por dia mudar a vida de uma criança.

O efeito mais impressionante é nas raparigas. Em países onde as raparigas não vão à escola se lhes oferecermos uma refeição na escola, assistimos a matrículas de 50%/50% entre raparigas e rapazes. Vemos uma transformação na assiduidade das raparigas. E não há discussão, porque se trata de um incentivo. As famílias precisam da ajuda. E nós vemos que se mantivermos as raparigas na escola até mais tarde, elas ficam na escola até aos 16 anos, e não se casam se houver alimento na escola. Ou se obtiverem uma ração adicional final da semana -- o que custa cerca de 50 cêntimos -- isto manterá uma rapariga na escola -- e elas darão à luz crianças mais saudáveis, porque a malnutrição é passada de geração em geração.

Sabemos hoje que há ciclos de explosão e recessão na fome. Sabêmo-lo. Neste preciso momento no Corno de África, já o vivemos antes. É então uma causa perdida? Não, absolutamente não. Vou-vos falar do que eu chamo "Armazéns para a Esperança". Camarões, no Norte, ciclos de explosão e recessão da fome todos os anos, durante décadas. Ajuda alimentar a entrar todos os anos quando as pessoas passam fome durante a época entre colheitas. Pois há dois anos atrás decidimos, vamos transformar o modelo de combate à fome, e em lugar de distribuir o auxílio alimentar, vamos colocá-lo em bancos alimentares. Dissemos: escutem, entre colheitas, façam levantamento dos alimentos. Vocês gerem, a aldeia gere esses armazéns. Durante a estação das colheitas, depositam de novo, com juros. Juros em alimento. Portanto adicionam 5% ou 10% de mais alimento. Durante os dois últimos anos, 500 dessas aldeias onde há armazéns não precisaram de auxílio algum -- são auto-suficientes. E os bancos alimentares estão em crescimento. Eles estão a iniciar programas de alimentação escolar para as suas crianças, organizados pelas pessoas nas



aldeias. Eles nunca tiveram a capacidade de construir até a infraestrutura mais básica ou os recursos para o fazer. Adoro essa ideia que provém da aldeia: 3 chaves que destrancam o armazém. O alimento é como ouro naquele lugar. Ideias simples podem transformar o aspecto não só de pequenas áreas, mas de vastas regiões do mundo.

Quero falar-vos daquilo a que chamei "comida digital". A tecnologia está a transformar a face da vulnerabilidade alimentar nos lugares onde se assiste à fome. Amartya Sen ganhou o seu Prémio Nobel ao afirmar, "Vejam só, a fome acontece na presença de alimento porque as pessoas não têm meio de o adquirir." Certamente que vimos isso em 2008. Estamos a vê-lo agora no Corno de África onde o preço de alimentos subiu 240% em certas regiões em relação ao ano anterior. O alimento pode estar lá e as pessoas não o podem comprar.

Nesta foto -- eu estava em Hebron, numa pequena loja onde em lugar de trazermos alimentos, fornecemos "comida digital", um cartão. Que diz "bom proveito" em Árabe. As mulheres podem ir à loja, passar o cartão e obter nove produtos alimentares. Têm que ser nutritivos, e têm que ser de produção local. O que se passou no ano passado apenas é que a indústria de lacticínios -- onde este cartão é usado para leite e iogurte e ovos e homus -- a indústria cresceu 30%. Os comerciantes estão a contratar mais pessoas. É uma situação em que todos ficam a ganhar e que faz a Economia dos produtos alimentares arrancar. Nós de momento distribuímos alimento em mais de 30 países usando telefones móveis, transformando a presença de refugiados nos países e de outras formas.

O que mais me entusiasma é uma ideia que Bill Gates, Howard Buffett e outros apoiaram de forma corajosa, que é a de fazer a pergunta: E se, em vez de vermos as pessoas como vítimas da fome -- muitos deles são agricultores com pequenas explorações que não conseguem produzir ou vender alimento suficiente para sequer sustentarem as suas famílias -- e se os vissemos como a solução, como a cadeia de valor para combater a fome? O que seria se as mulheres em África que não conseguem vender alimento -- não há estradas, não há armazéns, não há sequer um saco de lona para transportar a comida -- o que seria se lhes proporcionássemos um ambiente que lhes permita fornecer alimento para as crianças com fome em outros locais? A "Purchasing for Progress" está presente em 21 países. E sabem que mais? Virtualmente em todos os casos, quando os agricultores pobres passam a ter acesso a um mercado garantido -- se lhes dissermos "nós compraremos 300 toneladas deste produto. Nós transportamo-lo, asseguraremos que é armazenado em condições." -- as suas produções duplicam, triplicam, quadruplicam e eles conseguem perceber, porque é a primeira oportunidade garantida que tiveram nas suas vidas. Estamos a assistir a pessoas a transformar as suas vidas. Hoje, auxílio alimentar, o nosso auxílio alimentar -- um grande motor -- 80% dele é adquirido nos países em desenvolvimento. Uma transformação total que pode realmente mudar as vidas das pessoas que precisam de alimento.

E perguntam vocês: Isto pode funcionar em larga escala? Isto são grandes ideias, ao nível da aldeia. Gostaria de vos falar do Brasil, porque estive de viagem no Brasil nos últimos anos, quando li que o Brasil está a vencer a fome mais depressa do que qualquer outro país no mundo actual. O que eu descobri foi que em vez de investir em subsídios para a alimentação e outras coisas assim, eles investiram num programa de alimentação escolar. O requisito é que um terço desse alimento tem que vir de agricultores de pequenas fazendas que não teriam outra oportunidade. Estão a fazer isto em larga escala depois de o presidente Lula da Silva ter



declarado o seu objectivo de garantir que todos teriam acesso a três refeições por dia. Este programa de fome: zero custa 0.5% do produto interno bruto e tirou muitos milhões de pessoas da fome e da pobreza. Está a transformar a face da fome no Brasil, é em grande escala e está a criar oportunidades. Eu estive lá, reuni-me com os pequenos agricultores que construíram o seu sustento com base na oportunidade e na plataforma que o programa proporcionou.

Agora se analisarmos o imperativo económico, isto não é apenas compaixão. De facto, os estudos mostram que o custo da fome e malnutrição -- o custo para a sociedade o fardo que tem que carregar -- é em média 6%, em alguns países até 11% do produto interno bruto. Se virmos os 36 países mais afectados por malnutrição, trata-se de 260 mil milhões de dólares perdidos para as suas economias a cada ano. O Banco Mundial estima que seriam necessários cerca de 10 mil milhões 10.3 para enfrentar a malnutrição nesses países. Ao ver a análise de custo e benefício, o meu sonho é o de levar este problema, não um argumento de compaixão, aos ministros das finanças do mundo, e dizer-lhes que não podemos deixar de investir no acesso a nutrição adequada e acessível para toda a humanidade.

A mais espantosa das minhas descobertas é que nada pode mudar em grande escala sem a determinação de um líder. Quando um líder diz "Durante o meu mandato: Não!" tudo começa a mudar. É então que o mundo pode contribuir com oportunidade e um ambiente que fomente a mudança. O facto de a França ter colocado o problema da alimentação na agenda do G20 é realmente importante. Porque o acesso a alimento é um problema que não pode ser solucionado individualmente ou país a país. Temos que trabalhar unidos. Estamos a ver países em África -- O Programa Alimentar Mundial já conseguiu sair de 30 países, 30 países, porque eles transformaram a face da fome nos seus territórios.

Eu gostaria de colocar um desafio. Acredito que estamos a viver num tempo da História humana em que é simplesmente inaceitável que haja crianças a acordar de manhã sem saber onde poderão encontrar um copo de comida. Não apenas isso, transformar a fome é uma oportunidade, porém acredito que é necessário mudar mentalidades. Sinto-me honrada por estar aqui na presença de alguns dos principais pensadores e inovadores do mundo. Gostaria que todos se unissem com toda a humanidade para desenhar uma linha na areia e dizer "Acabou. Não vamos mais aceitar isto." Queremos poder dizer aos nossos netos que houve tempos terríveis na História quando até um terço de todas as crianças tinham cérebros e corpos subdesenvolvidos, mas que isso já não existe.

Obrigado.

(Aplausos)